

Galegos (S. Martinho)

GALEGOS, orago São Martinho, era uma vigararia da apresentação do arcebispo de Braga.

A origem do nome desta freguesia é a mesma da anterior (1).

Nas Inquirições de D. Afonso II de 1220 vem com a designação «De Sancto Martino de Gallecos», de Terra de Prado.

Nelas se diz que o rei não era o padroeiro e que esta igreja tinha sesmarias e 4 casais; Águas Santas, 1 casal; Vilar de Frades, 2 casais; Manhente, 2 casais e Várzea, 6 casais; nas mesmas se diz mais: «quod habet ibi dominus Rex quosdam Regalengos, et dant inde ei terciam de octuno, et de milio medium, et dant illos Maiordomi pro offretione ad laborandum».

Nas Inquirições de D. Afonso III de 1258, 1.ª Alçada, *in Judicato de Prado, item, in parrochia Sancti Martini de Galletibus*, se diz: «et quantos moram fora do Couto pectam voz e caomia. Et dixit di ouvida ca fora do Couto avia uno lugar que chamam Stevaim e que servia a Prado.

(1) No « Ocidente», vol. V, n.º 141, se diz que terras galegas são as terras safras e pouco produtivas, o que se não pode aplicar a estas freguesias.

Aparecem-nos nessas Inquirições os lugares de Senra, Donego, Ribelas, Leiras, Rial, So o Penedo, Fonte de Tayva e Cacavelos.

Esta freguesia pertenceu ao concelho de Prado, passando em 1855 para o de Barcelos.

O concelho de Prado abrangia, além desta freguesia, as de Oliveira, Galegos (S. Martinho), São Romão da Ucha, São Veríssimo do Tamel, Roriz, Igreja Nova, Lama e Manhente, que hoje pertencem a Barcelos.

O concelho de Prado é fundação de D. Afonso III, que lhe deu foral em 1260, e tinha por sede a vila do seu nome.

Este concelho era governado por dois Juizes Ordinários, três Vereadores e Procurador do concelho, por eleição trienal do povo presidida pelo Ouvidor do concelho, tinha um Meirinho, também de eleição, que servia de Carcereiro, Escrivão da Câmara, Escrivão da Almotaceria, quatro Tabeliães, Meirinho do Ouvidor, proprietário, Juizes dos Órfãos com seu Escrivão, tudo da apresentação do Senhor da vila de Prado e só o rei provia o ofício de Escrivão das Cinzas.

Tinha Capitão-Mor e Sargento-Mor com quatro Companhias de Ordenanças, fora a do couto de Manhente.

A vila de Prado teve vários senhores: os Sequeiras, os Soares de Albergaria, os Meios e os Sousas, sendo estes alçados à dignidade de Condes de Prado por D. João III, que criou este título por decreto de 1 de Janeiro de 1526.

Foi 1.º Conde de Prado D. Pedro de Sousa, senhor de Beringel e do Prado, alcaide-mor de Beja e de Alcácer do Sal, Capitão de Alcácer Ceguer e fronteiro de África, descendente de D. Martim Afonso Chichorro, este filho do rei D. Afonso III e de D. Inês Lourenço de Sousa, da nobre família dos Sousas.

O concelho de Prado foi extinto por decreto de 24 de Outubro de 1855, passando as freguesias que o compunham para os concelhos de Braga, Barcelos e Vila Verde.

A *Igreja Paroquial* de S. Martinho de Galegos ergue-se em sítio elevado.

O antigo edifício desta igreja era baixo e acanhado, tendo sido reconstruído e ampliado no mesmo sítio onde estava nos fins do século passado.

No alto da sua frontaria abre-se um nicho com a imagem do padroeiro que tem na peanha: S. Martinho. Ao lado direito eleva-se uma alta e bem construída torre para os sinos e na padieira da porta principal vê-se a data da sua reconstrução—1898.

Atrás da torre foram construídas a sacristia e casa de arrumação. Entre estas e a torre está a campa do P.^e João de Deus da Silva Ferraz, abade desta freguesia, a qual contém a seguinte inscrição: «A' MEMÓRIA DO REV.^{DO} JOÃO DE DEUS DA S. FERRAZ O CLERO DO ARCIPRESTADO DE BARCELOS 12-5-1915».

Aos pés dessa campa, dependurada da parede da torre, vê-se muita cera oferecida à memória deste santo e boníssimo varão que passou a vida a fazer bem.

Dentro, a capela-mor é forrada a estuque com ornatos a gesso e altar em talha simples.

No pavimento do supedâneo do altar tem do lado do evangelho a inscrição «P. 1894» e do lado da epístola «F. 1896».

Na parede da sacristia está dependurado o retrato a craion do P.^e João de Deus da Silva Ferraz com os seguintes dizeres: «Benfeitor desta freguesia. Paroquiou de 1887 a 1915. Ajudado por um seu amigo mandou edificar a capela-mor desta igreja e juntamente com seus paroquianos edificou a torre desde a primeira cornija, e, auxiliado por dois amigos colocou nela dois sinos, o maior

e o mais pequeno. Gastou aqui toda a sua fortuna e mais longe ainda iria a sua generosidade se não fosse um ataque que o acometeu em 1902. Faleceu em 12 de Maio de 1915».

A largos traços aqui fica concretizada toda a sua vida. O corpo da igreja é forrado também a estuque com ornatos em gesso. No tecto, ao centro, tem gravada a data —1899. Tem dois altares laterais com talha moderna, púlpito e coro. A pia baptismal é moderna, mas muito bem trabalhada.

À entrada da porta travessa tem pintada no pavimento a data 1901.

Não tem esta freguesia Cemitério; aqui ainda se enterra no adro.

Ao lado direito da igreja, separada desta pelo adro, erguesse a *Residência Paroquial*, também reformada e tornada habitável pelo saudoso P.^e João de Deus.

O *Cruzeiro Paroquial* fica ao sul da igreja, em um pequeno largo. É simples, modesto, sem data nem inscrição.

Nesta freguesia há apenas uma capela que é a de *Santa Marinha*.

Esta capela, baixa, pequenina, com um alpendre em frente da sua porta principal, foi reformada e ampliada nos princípios deste século, sendo adquirida há poucos anos pelo Snr. Ernesto da Silva Campos.

A freguesia de São Martinho de Galegos, situada em planície, na bacia orográfica do Cávado, é fertilizada pelo ribeiro dos Gairos, que nasce no monte da Piedela, freguesia de Oliveira, e vai desaguar ao Cávado, no sítio de Novelas.

É servida pela estrada nacional de 2.^a classe n.º 8, de Barcelos a Montalegre, por Prado, e por um travesso,

tão estreito, sendo mais um caminho vicinal concertado, que vai até à igreja.

As suas fontes públicas são: Gairos, Igreja e Mondelo.

Confronta pelo norte com a freguesia de Oliveira, pelo nascente com a de São Vicente de Areias e a da Lama, pelo sul com a de Manhente e pelo poente com a de Santa Maria de Galegos.

A sua população no século XVI era de 12 moradores; no século XVII era de 70 vizinhos; no século XVIII era de 130 fogos; no século XIX era de 351 habitantes e actualmente é de 486 habitantes, sendo 220 varões e 266 fêmeas, sabendo ler 72 homens e 62 mulheres, havendo 352 analfabetos.

Esta população está distribuída pelos seguintes lugares habitados: Igreja, Campo, Bouça, Souto de Oleiros, Real, Cova, Pinheiro, Vilarinho, Gandarinha, Telheira, Vilar, Outeiro, Boavista, Penelas e Carregosa.

As suas casas mais importantes são: a de Campos, a da Telheira, a das Quiterias e a da Bouça.

Houve nesta freguesia a casa de Campos, em ruínas já nos princípios do século XVIII.

Foi esta casa, segundo diz Pinho Leal, solar dos Campos, família nobre em Portugal a quem D. Afonso V deu brasão de armas em Portalegre no ano de 1465.

Tem esta freguesia 3 lojas de comércio, uma Caixa do Correio e Escola Oficial mista, de 1 lugar, que funciona em edifício arrendado.

Há luz eléctrica desde 1927, com distribuição aos domicílios.

A sua indústria principal é a olaria, fabricando-se louça de barro grossa, louça de barro vidrada e polida, e muito *figurado*.

Nesta indústria ocupa-se uma grande parte da sua população.

Há três ou quatro estabelecimentos no género mais importantes; de; resto há muitas famílias que em suas casas se entregam a esta indústria, principalmente em *figurado*.

Não é raro, ao passar, ver às portas das casas homens, mulheres e até crianças entregues a este mister.

As louças desta região estão espalhadas por todo o Portugal, indo os próprios fabricantes vendê-las às vezes a terras longínquas.

No Museu Municipal das Torres está um arcaz tumular românico que era desta freguesia; é bem interessante esse monumento funerário.

Quanto à capela de Santa Marinha temos a rectificar e a acrescentar que o antigo edifício, caindo em ruínas, foi demolido aí por 1890, aproximadamente, e em 1906 construído o actual, perto do sítio onde existia aquele, pelo Snr. Joaquim da Silva Campos, natural desta freguesia, um dos que mais concorreu para as obras da igreja paroquial.

A capela de Santa Marinha, tendo sido arrolada em 1912 como bens pertencentes à igreja, foi comprada em praça pública pelo seu actual proprietário, o Ex.^{mo} Snr. Ernesto da Silva Campos.

Quando dissemos que nesta freguesia não havia Cemitério, fomos mal informados.

No lugar do Souto de Oleiros, 200 metros ao norte da igreja, foi construído um Cemitério, cuja obra de pedreiro está acabada, mas ainda sem gradeamento.

Os enterramentos não se fazem, porém, no cemitério; fazem-se, como dissemos, no adro da igreja e dizem-nos que esse cemitério ainda não serviu porque, passando por baixo a mina que vai dar água à fonte Mondelo, não querem *afogar os cadáveres*.

Esta vai pelo mesmo preço por que ma deram.